

## [editorial]

### naufrágeis, reversos e finícios

---

#### **Desenredo: uma balsa para o Medusa**

Para a **fólio**, o primeiro semestre de 2025 foi algo maior que um desafio.

De popa em vento, feridas cicatrizadas, nossa jangada vinha de um pequeno naufrágio, que o acaso de uma vontade sem alvo chegou a colocar na capa do primeiro número de 2024, na vaidade de um objeto feio. Olhem [lá](#).

Na alegria frágil retesada como vela e no siso arejado de um recomeço, estávamos empenhados numa reformulação do nosso processo editorial: a diversificação das seções e produtos publicáveis que um dia a revista já abrigou, o resgate e a ampliação de nossa rede de colaboração, o reestabelecimento de nossa periodicidade! enfim, como grafaria Mário de Andrade, o *amihoramento* geral de nossas práticas. Tínhamos, para avançar, o lastro e o mastro de uma trajetória consistente e exitosa de 14 anos de revista. *Até que* - como o imperfeito verbal já providenciava - *deu-se o desmastreio*.

Uma pane elétrica causou um dano irreversível nos sistemas eletrônicos que abrigavam a plataforma da revista, levando consigo toda a arquitetura de diretórios que a organizava, num colapso que atingiu todo o Portal de Periódicos da UESB.

Só da **fólio** eram 15 anos de acervo bibliográfico, com todos os seus metadados, que precisaram ser recuperados, reconstituídos e reconstruídos a partir dos repositórios de *back up* que os Periódicos UESB mantêm fora de seu sistema. Levou meses a reconstrução desse gigantesco acervo já publicado, movimentando uma operação conjunta, coordenada pelo nosso Diretor de Periódicos, capitão-Dr. Natalino Perovano Filho, digno de todos os méritos, envolvendo as equipes da Diretoria de Publicações Digitais (DigiPubli), da Unidade Organizacional de Informática (UINFOR) e das editorias dos 24 periódicos científicos produzidos e abrigados pela Instituição.

Entretanto, *o trágico não vem a conta gotas*. Apesar do *back up* dos originais publicados, todo o edifício eletrônico-digital precisou ser reconstruído, e todas as informações relativas a cada publicação do acervo precisaram ser localizadas e reinseridas a partir dos dados guardados pelos indexadores externos.

Os indexadores, como sabemos, têm por finalidade acompanhar e avaliar a qualidade científica dos periódicos. Naquele momento, porém, Latindex, Google Acadêmico e outros foram o imprevisto repositório de dados de onde foi possível resgatar, ainda que manualmente, as informações relativas a cada artigo e a cada edição já publicados: autores, instituições, dados biográficos, palavras-chave, resumos, número de acessos, revisores científicos, etc. Graças a

Deus

Dabo

de *Urubu-Rei*. Eu davo, deus dava. Muito bem. Entremeio, e tanto, nem *back up*, nem indexadores davam acesso às submissões ativas, isto é, ao conteúdo futuro dos números ainda abertos da revista. No *desenredo* dos eventos, os infortúnios sim podem vir de conta gotas. Como é próprio da comédia, tudo acabaria bem, nesta noite que promete verão sem sonhos. E não sem as penosas circunstâncias de erros, desencontros e muito barulho por nada.

*Nada*: desaparecidos no sutil da nuvem eletrônica, muito trabalho e esforço humano, transformados no Absoluto: *Nada*. Dissoluto. Absolvido nessa água corrente em filamentos metálicos, entre louças delicadas e derivados sutis do petróleo. Foram definitivamente perdidos os registros de todos os manuscritos que ainda estavam no prelo. Naquele momento (acabava de se fechar o mês de abril), a maior parte das submissões da **fólio** ou aguardava as respostas ou os próprios pareceres dos pares.

Todos os textos submetidos estavam salvos *off-line* em nossos próprios computadores pessoais. Mas isto: a meia felicidade de outra gota de az4r. Como a **fólio** adota *blind-review*, quase todos os artigos que apresentamos neste e no próximo número, do volume 16 (2025), estavam guardados em arquivos anônimos. Apagado qualquer traço de autoria, tínhamos apenas títulos, resumos e manuscritos digitais. Nunca foi preciso arquivar metadados, pois o *software* garantiria o vínculo entre títulos, autores, revisores, seções, códigos numéricos; a base densa do sistema de *hardware*, porém, não o garantiu. Enfim, tudo o que ia cadastrado nas submissões foi irreversivelmente perdido por ainda não estarem

em bancos de dados externos. Mas não perdemos um texto sequer, porque estávamos com o trabalho em dia.

Já desinvernava e não acabava a novela, que não era de traição de gente, mas da traiçoeira suave porcelana que embala o sono dos nossos dados digitais. Pois o caso não terminava por ali. Recomeçava, só, na busca do reverso das páginas deste volume.

*“Todo fim é impossível?”*

Sem nomes e contatos, os textos eram pergaminhos anônimos, cartas de naufragos em garrafas na areia, o que demandou da **fólio** um trabalho de investigação minuciosa. Por meio de pistas diversas – que eram os temas, as palavras-chave, um sobrenome gravado na memória, a memória de colegas e antigos orientadores, um bloquinho de notas incompleto... – precisávamos utilizar todos os meios para redescobrir a autoria e o contato de correspondência eletrônica de cada autor para explicar a situação e reestabelecer o vínculo quebrado.

Já não fosse isso bastante, era preciso reestabelecer por e-mail a relação com os revisores já designados. Todos já designados. Alguns havia menos de uma semana! Era preciso descobrir quem eram eles... Em que mato com que cachorro? Como a própria comunicação com os autores e os pares se dá necessariamente por intermédio da plataforma digital e no âmbito de cada submissão ativa, tornou-se necessário lembrar para quais pareceristas cada texto havia sido enviado. São, no mínimo, dois por manuscrito, normalmente mais. Uma parte desses nomes estava afortunadamente registrada num pequeno bloco de anotações em papel, mas outros (não sabemos quantos ainda...) devem ter recebido convites para avaliar um artigo, podem ter aceitado ou não a tarefa, talvez tenham lido o arquivo acessado, mas com a perda do contato ficaram no vazio, maldizendo talvez (e com razão) a tripulação perdida deste Meduza.

Especialmente a estes colaboradores pedimos desculpas e, aos que por sorte ou rancor estejam lendo esta **apresentação**, pedimos que façam contato com a **fólio** ou com alguém da Comissão Editorial para garantirmos o seu crédito, que virá no próximo número da revista em que todos os revisores deste volume 16 (2025) serão nomeados para agradecimento, mesmo aqueles que não puderam mandar seu parecer após o naufrágio.

Passada a iminente tragédia bibliológica, revertida em comédia de erros, pudemos enfim sorrir com ironia das ironias do caso, ao menos para resgatar nosso desejo – este último difícil resgate que quase ficou por salvar-se.

A **fólio** é uma revista eletrônica de Letras cujo nome remete à forma física de uma dobradura em papel impresso. A dobra *in folio* foi por séculos utilizada justamente para a impressão de artefatos bibliográficos em tamanho grande: mapas, leis, almanaques, magazines, peças de teatro, como a célebre primeira edição das obras de Shakespeare. Coisas que resistiram, resistem e resistirão ao tempo, mesmo quando seu conteúdo estiver envelhecido.

Precisamos, pois, anacronicamente sim, render tributo às revistas e livros físicos. Ainda que caduco, o tão leve e pesado artefato ainda pode ser a tábua de salvação. Monumento obsoleto e pouco ecológico em nossos dias, o velho e bom papel, esse frágil e resistente mármore de todas as literaturas escritas! o imorredouro papel impresso, de que dificilmente incêndio, enchente e bicho roedor alcançariam todas as cópias, torna-se uma utopia retrospectiva, uma possibilidade inviável que deveríamos mesmo que (insensata e apenas comemorativamente) avaliar. Ok, não é possível um retorno à circulação impressa de revistas, acadêmicas ou não, mas: pensar um projeto bibliotecário de impressão e distribuição de originais digitais de nossa época para descansarem na segurança de acervos físicos espalhados pelo globo: por que não? Um colapso elétrico levou à destruição um sistema eletrônico e por muito pouco não devolveu ao *não-ser* os registros de anos e anos de trabalho, de equipes e mais equipes de profissionais altamente qualificados. Imagine-se. Que acervo estará a salvo e o que restará da memória deste nosso tempo após um armagedon digital de maiores proporções que não precisamos ser profetas do apocalipse para ao menos supor?

*A bonança nada tem a ver com a tempestade.*

Finalmente, é preciso indicar o tamanho da nossa decepção, registrar quanto nos sentimos frustrados com a meta não atingida, sobretudo em relação à regularidade do nosso veículo que se reconstruía de outro naufrágio. Mesmo assim, com um atraso dolorosamente maior do que o desejado para a viagem planejada, vencemos o *desenredo* dessa trágica comédia. Nem o Titanic, nem a Jangada de Géricault, muito menos os périplos de Odisseu: *todo abismo é navegável a barquinhos de papel*. Bonito, seu João; mas será?

## **Por um mundo onde caibam muitos mundos**

A **fólio**, n.1, v.16 (jan-jun/2025) é aberta pela magnífica mostra têxtil-visual de Silvia Della Maddalena, inaugurando a seção **práticas de invenção**. [Aqui!](#)

Aberta a poéticas artísticas, em geral, e abrangendo todas as artes que caibam nela, das artes verbais às visuais, entre outras formas de pensamento criativo, a seção **práticas de invenção** abre este número, e esperamos poder continuar a abrir os próximos, com submissões livres, sob o juízo da Comissão Editorial, ou a convite dela, nos casos de notória relevância dos artistas convidados. Neste número, apresentamos a belíssima mostra visual da artista-tecelã argentina Silvia Della Maddalena, em torno de uma temática andina, indígena e feminina, introduzindo a interseccionalidade e a interdisciplinaridade posta em cena pelo **DOSSIÊ** temático, organizado por Maryllu de Oliveira Caixeta.

Além de **práticas de invenção**, o presente número reativa outra ideia que estava no projeto inicial da revista, a seção **repertórios em tradução**, destinada a publicar textos que serão alocados após o **DOSSIÊ**, tenham ou não relação com a temática proposta. No próximo número, traremos a tradução de “*Disaster on Sand Creek*”, de George Bent, relatando seu testemunho, como vítima, de um dos mais marcantes massacres cometidos contra grupos indígenas de que se tem relato, no século XIX.

Formuladas a partir de seções previstas no editorial, mas caídas em desuso, as duas novas seções põem em evidência dois aspectos do campo das linguagens e duas atividades profundamente vinculadas à Área de Letras e que costumam ficar de fora da rotina de publicações de artigos acadêmicos, que é o foco principal num veículo desta natureza. A ideia, porém, é aperfeiçoar a maleabilidade e abrir possibilidades, uma vez que estamos num campo por excelência *poietico*, criador – produto e produtor do *nada – res ficta*, ao mesmo tempo que, na mudança, procuramos manter a coerência com a história da revista e com a Instituição que a abriga – *ad plenam vitam*.

O **DOSSIÊ** origina-se do curso *Por um mundo onde caibam muitos mundos – Literatura do Sul Global*, também organizado por Maryllu Caixeta com convidados de diversas instituições do mundo debatendo literatura-arte-pensamento fora do centro. Desse evento sai um dossiê dentro do **DOSSIÊ**, na homenagem a Gramiro de Matos em “A aventura de Pasárgada”, “O princípio de nostalgia” e “Os silêncios em Gramiro de Matos”: [aqui](#), [ali](#) e [aqui](#).

A homenagem estava no plano deste número desde a organização do evento no PPGCEL que reunia o artista negligenciado com alguns dos pesquisadores de sua obra, que escrevem para este e para o próximo número, no qual traremos informações visuais e arquivos inéditos do “tropicalista esquecido” cuja obra chegou a tornar-se inacessível até bem pouco tempo atrás.

Byron Vélez Escallón (UFSC), Livia Penedo Jacob (UFRN), Roberto Acízelo de Souza (UERJ), Larissa Costa da Mata (UFERSA), Anita Martins Rodrigues de Moraes (UFF), Gabriel Herrera Salazar (IPN-México), Jordi Cerdà Subirachs (UAB-Catalunha) e Leonardo D’Avila (UFSC). Sob múltiplas perspectivas, o debate em torno das Literaturas do Sul Global trouxe ao **DOSSIÊ** estudos de teoria que relativizam a centralidade europeia que ainda *norteia* muito dos produtos culturais e científicos nas multiplicidades de centros colonizados, estudos que reposicionam o debate sobre literatura brasileira em tempos de multipolaridade e de emergência climática e estudos de literatura africana.

Em todos esses eixos não deixa de haver porções do projeto de Gramiro de Matos, frutos de seu trajeto. Com efeito, mesmo que indiretamente, temos em todo o **DOSSIÊ** a inversão da perspectiva, o olhar indígena, o mergulho africano, o engajamento e a radicalidade poético-política de Gramiro de Matos, a quem a partir de agora todo o volume 16 da **fólio** será dedicado, n.1 e n.2.

Como *post-scriptum* ao **DOSSIÊ**, inauguramos a seção **repertórios em tradução** abrindo espaço à honrosa missão do tradutor, publicando sejam textos literários em versões inéditas, sejam textos técnicos de interesse para a área, sempre em versões de alta qualidade avalizada pela Comissão Executiva e pelo Conselho Editorial, promovendo difusão, conservação e acessibilidade de textos relevantes, visando sempre a divulgação de conhecimento e a documentação de repertórios discursivos.

Neste número, Maryllu Caixeta propõe dois capítulos de livro em traduções próprias. A tradução de Ramón Grosfoguel, da Universidade da Califórnia – Berkeley, enriquece o debate sobre o racismo e o eurocentrismo na contemporaneidade. Agora em língua portuguesa, o trabalho de Jordi Cerdà, da Universidade Autônoma de Barcelona, abre o baú de uma agitação literária baiana, e brasileira, que foi em grande medida relegada ao esquecimento: a publicação da revista *Pasárgada* nos anos 1970, organizada por Manuel Seabra e Gramiro de Matos, com o envolvimento de nomes que vão de Jorge Amado e Glauber Rocha a Torquato Neto e Waly Salomão.

Ramon Grosfoguel e Jordi Cerdà também falaram em Conferência no evento *Por um mundo onde caibam muitos mundos - Literaturas do Sul Global*<sup>1</sup>. Realizado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL), contou com a participação de artistas e pesquisadores, dele saindo a maior parte do conteúdo do **DOSSIÊ** aqui reunido, ao lado da contribuição de outros pesquisadores das mais diversas territorialidades e institucionalidades do Ensino Superior do Brasil e do mundo: Tocantins, Bahia, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Argentina, México, Espanha, Tunísia, Estados Unidos.

### **Mudanças de rota e antigos horizontes**

Já no último número de 2024, reformulamos o lugar que o **DOSSIÊ** tomava na revista, tornando-o uma seção recorrente, mas não mais fechando um número inteiro em redor de um único propósito temático. A chamada temática passou, assim, a ser proposta para a composição de uma seção, central em cada número, mas paralela às seções de fluxo contínuo, a fim de sempre podermos receber submissões em temática aberta para ambas as vertentes da Área de Letras, que continuam a ser as duas seções permanentes da **fólio** - os estudos linguísticos e os estudos literários.

A **fólio** vinha de um reinício, forçado por circunstâncias tristes que fizeram a revista se calar em 2023. Mas os escolhos vêm dar na praia sem consolo. O sobressalto passou, o luto passou, outras perdas se passaram, *mas o coração continua*. Os projetos para a **fólio** visavam resgatar impulsos iniciais que ficaram pelo caminho mas que se retomam, com outros rumos.

O objetivo era ser mais do que uma plataforma de publicação de artigos acadêmicos, sem deixar de ser essa plataforma segura e moderna com esse mesmo fim. Queríamos nos tornar mais atentos e pontuais, mais eficazes na condução do processo, mais empáticos na comunicação acadêmica.

---

<sup>1</sup> Denominado como "curso", o evento *Por um mundo onde caibam muitos mundos - Literaturas do Sul Global* foi realizado entre os dias 21 e 24 de outubro de 2025, tendo como organizadores os professores pesquisadores Maryllu Caixeta de Oliveira e Cássio Roberto Borges da Silva, com as participações especiais do poeta Gramiro de Matos, como grande homenageado, a falar de sua trajetória como poeta de vanguarda em plena ditadura militar, e da artista plástica Silvia Della Maddalena, apresentando sua pesquisa têxtil-visual em torno do Awaya andino; também compuseram a programação do evento os professores e pesquisadores: Jordi Cerdà Subiràchs, Leonardo D'Ávila de Oliveira, Lúcia Ricotta Vilela, Anita Martins Rodrigues de Moraes, Byron Vellez Escallón, Aline Magalhães Pinto, Ramón Grosfoguel, Luís Augusto Fischer, André Botelho, Ricardo Valle, Larissa Costa da Mata e Nazir Can. Os registros audiovisuais das falas no evento podem ser assistidos em: <https://www.youtube.com/@TraduzindoMundos/streams>.

O projeto, que retomamos, é o de aperfeiçoar a tramitação de uma revista que construiu uma década de confiança, profissionalizar a gestão como uma revista de *ciência aberta* sem perder a liberdade de um veículo de arte. Na gota trágica da comédia do *hd* queimado, havia o desejo de afirmar um veículo de Letras, suas vertentes e suas interfaces, sem perder seriedade e liberdade.

Interfaces e vertentes são dois termos que acompanham a **fólio** desde o início dando nome às suas duas seções principais, que foram sempre os dois eixos desse periódico de Letras: a Linguística e a Literatura, em todos os seguimentos em que cada um desses dois campos se dividem. O termo **vertentes**, na metáfora fluvial, indica as redes de confluências que “deságuam” na linguagem porque são linguagem, esse onipresente cultural humano. Já **interfaces**, como territórios de fronteira, são zonas de convergência, são superfícies de contato entre composições de saber diversas – áreas do conhecimento, sistemas epistemológicos –, que muitas vezes fazem dos estudos da linguagem uma aventura por territórios compartilhados – da neurologia à sociologia e à história social, da antropologia e da psicologia à fonologia e à educação, com abertas possibilidades de combinação entre tudo isso.

Nas seções de fluxo contínuo, este número da **fólio** reúne ao todo quatro artigos acadêmicos. São dois estudos em linguística aplicada – assinados por Diógenes Cândido de Lima e Laís Lobo ([aqui](#)), da UESB, e por Flávio Almeida dos Anjos ([aqui](#)), da UFRB, na seção **vertentes: estudos linguísticos e aplicados**; e dois ensaios em literatura e teoria literária, na seção **interfaces: estudos de teoria e literatura**, na autoria de Jacquelyne Taís Farias Queiroz e Marlúcia Mendes da Rocha ([ali](#)), da UESC, e de Olga Kempinska ([e ali](#)), da UFF. Em trabalhos originados em diversas Instituições de Ensino Superior do país, neste número as duas seções enfeixam pesquisas em educação linguística, ensino de línguas, literatura grega e literatura comparada.

No próximo número – **fólio, n.2, v.16 (2026)** –, que já está em produção e sairá em dezembro deste ano, já temos no fluxo contínuo estudos sobre *Richard III*, de Shakespeare, e sobre a escrita de Buchi Emecheta, autora feminista nigeriana, assinados por pesquisadoras oriundas da Tunísia e da Nigéria. O **DOSSIÊ** temático, com organização de Kleber Aparecido da Silva, da UnB, apresentará outro debate na perspectiva do Sul Global, abrangendo os campos da Linguística Aplicada, do Ensino e da Educação, pela reunião de estudos em perspectiva crítica/decolonial sobre a Base Nacional Comum Curricular – BNCC.

Por fim, mantivemos a seção **NASCENTES**, voltada às coautorias com graduandos, em trabalhos resultantes de PIBIC, PIBID ou Programas de natureza semelhante, e também às primeiras produções de mestrandos iniciantes na publicação acadêmica. Neste número, abrigamos um trabalho afinado com a perspectiva da revista sobre a oralidade e a literatura bantu, na coautoria de Geovana Ayumi Mangerona de Freitas e Marcos Vinicius Caetano da Silva, doutor pela UnB.

### ***Todo fim é impossível* . à memória de Gramiro de Matos (1944-2024)**

*Sábio sempre foi Ulisses,  
que começou por se fazer de louco.*

Prestadas contas do número, do volume, dos desastres e das mudanças, a coerência manda que a coesão obedeça: e decepe a cabeça da lua para perseguição dos inimigos, que também sabem ser múltiplos e sobretudo multiplicar-se. Mas antes: Gramiro de Matos nos inspira a retomar o *desenredo*. Então.

Verdade é *desingañ*, literalmente, *alethéia*, desesquecimento.

Engano é = *não é* Esquecimento.

Não sei. Isto é. Não penso, existo.

Entre as vertentes que correm nas fronteiras do reino dos mortos, o Lethes é um rio de esquecimento, que até os Yanomami concebem mas sabem também como atravessar, para, na outra margem, vestirem-se em vermelho e preto, e penas de papagaio; festa se prepara no outro *xapono* sobre a grande telha do mundo, em azul; assim como verde é o mundo, *urihi a*, que já foi céu.

Gramiro de Matos foi chamado o “tropicalista esquecido”. Foi de fato silenciosamente ostracizado por quase toda a vida, como um desses casos que povoam biografias admiráveis nas artes livres. Não obstante, Gramiro divide o capítulo com Waly Salomão, no livro fundamental de Silviano Santiago, e é reverenciado no leito de morte por Glauber Rocha. Segundo Leonardo D’Ávila, consta na memória de Gramiro que ele foi quem deu a Caetano Veloso a notícia da tragédia de Torquato Neto, esse evento que tem sobre a vanguarda tropicalista algo como o efeito da morte de Siérgei Iessiênien sobre a geração de Maiakovski. Gramiro, enfim, recebeu de Jorge Amado o elogio que o coloca como a mais radical experiência com a linguagem desde Guimarães Rosa.

Precisamos, pois, nos reaver, senão com a Verdade, maiúscula, com o verdadeiro miúdo dos fatos, para sermos ético-historicamente justos: desfazer enganos, desencobrir. Desesquecer Ramiro da Silva Matos Neto, Gramiro de Matos, Ramirão ão ão, esse artista revolucionário, porque “*kem anda p'trás cay*”. E “*quem enxerga enverga*”? É preciso um pouco fechar os olhos para ver: não deixa de ser uma máxima para as artes simbólicas. E assim como “quem dá-e-toma fica corcunda”, do dito popular, quem enxerga demais ou muito examina se encurva. *Nunca me esquecerei desse fato/ na vida de minhas retinas tão fatigadas*. Muito ver também pesa. Não são, pois, basólias, trata-se de um projeto de reflexão e combate pela linguagem.

Gramiro de Matos sofreu as consequências de sua radicalidade, talvez de sua falta de ambação e vaidade, sem moralismos. Faz pensar nas desrazões do ostracismo também imposto a Oswald de Andrade, após 1930: “*meu relógio só anda pra frente!*” E dando coice intelectual em quem de direito! Oswald é, aliás, uma de suas referências ético-artísticas evidentes, assim como Joyce-Jaime, porque Gramiro é, sobretudo, um internacionalista, como internacional é hoje sua recepção acadêmica.

Nós, *condes joões*, que vivemos confortavelmente *dentro de muros sem pulos*, não sabemos o que é o risco. Gramiro de Matos escolheu correr e colher o risco. Experimentou a radicalidade por um imperativo ético. Produziu *convraQutura* nos anos de chumbo, de patriotismo oco e petrificado, de muita violência no porão. Só esta palavra no poema de onde foi tirada davam um largo ensaio crítico.

Sem muitas perspectivas na carreira criativa, viajou Portugal, Espanha e todas as Áfricas portuguesas. Doutorou-se sem ambição acadêmica num tema que só hoje tem tomado a dimensão que merece: as relações Brasil-África na literatura. Até mesmo essa aventura acadêmica no instante de refluxo ao silenciamento nos remete ao Oswald de Andrade, recusando ontologias porque o caso antropofágico pedia odontologia, alegre para disfarçar o humor de melancólico.

Gramiro engaja-se naquilo que demanda engajamento. Não fica assim à beira do caminho vendo a multidão passar, como que convocado por aquela chamada de Mário de Andrade para a moderna poesia brasileira, em “O movimento modernista” (1942). Se a literatura revolucionária que ele quis empreender de uma poética tropicalista não teve o eco que teve a canção, que afinal encontra seu lugar como objeto de consumo ao paladar das pessoas na

sala de jantar, Gramiro se mistura às multidões seja na Revolução dos Cravos, seja nas lutas de Independência de Angola e Moçambique.

É um primeiro brasileiro a entender a visceralidade que nos une àquelas lutas ainda tão recentes, como sua própria vida. E é um primeiro artista a transfigurar aquilo tudo em obra de arte moderna, sempre avante-revolucionária, como em a *Conspiração dos Búzios*, produzido artesanalmente em 1978 e reeditado em 2016, por Leonardo D’Avila, pela Civilização e Barbárie. Um romance radical como *Serafim Ponte Grande* ou *João Miramar*, que faz emergir do engano e da mentira o pequeno grande Manuel Faustino dos Santos Lira, Danton negro na sublevação “dos alfaiates” da Bahia, que o “tropicalista esquecido” ajudou a desesquecer.



*A conspiração dos Búzios*, 2016,  
reedição de Leonardo D’Avila, pela Civilização e Barbárie.

O texto “A aventura de *Pasárgada*”, de Jordi Cerdà, que na tradução de Maryllu Caixeta inaugura a seção **repertórios em tradução**, apresenta o cenário cultural que Gramiro de Matos articulou. Esse capítulo traduzido compõe aqui um trípico ao lado de dois artigos originais que integram a seção **DOSSIÊ**: “Os silêncios em Gramiro de Matos”, de Leonardo D’Avila, da

Universidade Federal de Santa Catarina, e “Princípio de nostalgia”, do mesmo Jordi Cerdà, escritos para este número da **fólio**.

Juntamente com a **[apresentação]** do **DOSSIÊ**, assinada por Maryllu Caixeta, o conjunto compõe neste número a homenagem a Gramiro de Matos. No próximo, como ficou dito, haverá ainda novidades desse poeta marginal-marginalizado, baiano e universal, que, no final de outubro de 2024, foi convidado de honra daquele evento no PPGCEL, 45 dias antes de cumprir o derradeiro silêncio, início de outra reversa trajetória, que com alegria nos propôs o dilema entre aprender a suportar a dor ou suportar mais dor ainda, porque a arte é estratégia para encarar os horrores acumulados.

A Paz  
Paipensava  
a Guerra  
Legal my friend  
grilhante  
este meu Qorpo mel sangue  
Bixo big boy-cow  
O sangue&a seringueira  
borraska  
Amem-se unsansoutros  
(em *Urubu-Rei*, 1972.)

Da neologia à neografia, todos os barbarismo e inversões, língua misturada, provocação. Difícil, sem dúvida, assumir o sacrifício do sentido no significante adulterado; um movimento de coragem, certamente, o ataque ao significado na antissintaxe que não é um dadaísmo de acaso, *my friend*: porque o que se quer fazer ver é a significação, a resultante de um colapso de vetores, significações, e o gesto: a poesia como um gesto de potência.

Uma violência de linguagem, uma violência contra a linguagem e uma violência por meio dela, mas contra os alvos necessários. Contra a Verdade e em nome do que é verdadeiro. Contra o patriarcado, o militarismo, o colonialismo, a hipocrisia, são evocados vocábulos e mitos indígenas de todos os territórios do mundo. Em nome do mel do corpo derramado constrói-se a coerência de uma ética contra toda coesão formal que não seja um gesto político de liberdade e justiça. Como Glauber Rocha, seu confidente, Gramiro não escolhe o caminho mais cômodo para fazer ver o horror e a beleza no espetáculo horroroso do mundo.

Apesar do luto, tivemos a alegria de fazer parte desse momento final de reconhecimento e reconstituição da memória poética e de vida de um autor de

vanguarda e um pioneiro - maldita palavra - no interesse pela literatura africana. Um artista sacrificado pelo exílio e pela indiferença, com uma carreira nascida no interior e percorrida à margem dos grandes centros, apesar do cosmopolitismo de seu percurso e de sua poética.

A reunião entre o poeta esquecido e diversos pesquisadores de sua obra tão pouco tempo antes de seu derradeiro silêncio é um marco para o qual a **fólio** tem a honra de colaborar, neste e no próximo número, celebrando Gramiro de Matos, mantido marginal por sua escolha mas também pelo silêncio da indiferença que este número ajuda a quebrar. De novo Oswald e “A Revolução Melancólica”, de *Marco Zero*. Não é leve, o sacrifício de tornar-se a lenha de todas as fogueiras que nosso tempo demanda acender.



Urubu-Rei [1972], segunda edição, 1976.

Na primeira das cinco conferências de *Seis propostas para o próximo milênio*, Ítalo Calvino propõe a leveza como estratégia literária. Para isso, fala

da cabeça da Medusa, capaz de tornar pedra quem a olha diretamente mesmo depois de decepada do corpo.

Foi Perseu, de sandálias aladas, quem teve a astúcia para destruir o monstro de cabelos de serpentes. Seu engano, que é engano do engano, é bem conhecido: a visão reflexa, o olhar indireto no reverso polido de seu escudo, tornou-o invulnerável ao olhar da Górgona.

Calvino, na dualidade do leve e do pesado, percebe uma confinidade entre Perseu e sua proposta literária: o mesmo herói que montou Pégaso, o cavalo alado, e que calçou as sandálias de Hermes, o portador da mensagem, astuciosamente vale-se da visão reflexa para atacar o monstro reificador. Mas não só. Antes de entregar a cabeça da Medusa a Palas Atena, onde se tornaria uma das faces do escudo da Justiça, Perseu a utiliza contra seus inimigos, resgatando a própria mãe da armadilha de Polidectes.

Ao evitar a imagem direta do real e desviar os olhos da coisa tal como é, a leveza poética destrói o poder de petrificação que imobiliza aqueles que se deixam levar pela contemplação direta dos horrores do mundo; e, quando quer, a poesia transforma em pedra de afundar aqueles contra quem ela dirige seu poder de Medusa.

“Uma visão do político que não é sociológica, mas lúdica”, na síntese de Silviano Santiago sobre a radicalidade de Gramíro e Waly. Em plena ditadura, a geração de Gramíro de Matos usou a alegria como ferramenta de luta. Não falamos de armas, porque as armas são o reverso do poético. A ironia, a experimentação, a distensão das possibilidades da linguagem para além da representação promoveu revoluções simbólicas que fundamentaram o engajamento e foram fundamentadas pelo engajamento nas melhores causas. O fascismo renasce como erva daninha, com perdão de todas as ervas mal afamadas daninhas, e contra ele sempre novas outras ferramentas de luta serão inventadas sobretudo na linguagem.

[...]  
DylamGonzaga barroso  
meu coração  
alcorão  
(*Urubu-Rei*)

Pois é a partir da linguagem que o fascismo renasce, na linguagem se perpetua e pela linguagem o fascismo se dá a conhecer. Na linguagem será sempre preciso, portanto, reinventar ferramentas como armas de luta.

As armas de hoje elas mesmas, menos ainda poéticas, não comportam sequer o heroísmo que um dia foi matéria de ode e epopeia. Com drones, jovens herdeiros do Holocausto manipulam o *joystick* de um *game* ultrarreal, no qual o Regime Sionista de Israel destrói à luz do dia, e das redes sociais, uma cidade inteira cujo nome e fundação são anteriores ao Êxodo bíblico, e com o declarado nobre fim de empreender novos projetos imobiliários à margem oriental do Mediterrâneo.

No atual projeto abertamente genocida, discursivamente sustentado pela ignorância deliberada e construída com os mais nefastos propósitos de uma raça superior escolhida de deus, não há sequer o escrúpulo sombrio que os nazistas tiveram de varrer para debaixo do tapete o jogo sujo que sabiam que jogavam. Não, nem isso. Quando ouvimos o discurso de líderes e de soldados, de mães de família e de *youtubers* engajados no projeto colonial do Estado de Israel sobre a Palestina, legitimando sua etnocracia eurocêntrica, seu regime de *apartheid* a céu aberto e suas políticas de remoção forçada e dizimação em massa de povos indígenas, entendemos que é na linguagem que o fascismo se dá a conhecer e pela educação ele se perpetua; pela linguagem e pela educação precisa ser combatido.

Cenários assim nos obrigam a rever a necessidade daqueles que não contemporizaram com os horrores de seu tempo, ainda que tenham sacrificado as delícias da carreira da fama para não ter de amenizar a energia da própria luta, onde ela estiver.

Neste'mpo fora do corpo,  
na cabeceira da cumieira mesa-telha-planeta,  
ou s'esmaga ou decepa a cabeça da serpente  
y da semente [...]  
(*Mamãos maduros*, 1973.)

Ou *todo fim é impossível*. Todo fim, infinitos inícios – por óbvio, por favor

Ricardo Martins Valle

**fólio - revista de letras**

Revista do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários - DELL-UESB